

CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação
Câmara Brasileira do Livro, SP

Dostoievski, Fedor Mikhailovitch, 1821-1881.

D762c Contos de Dostoievski / introdução, seleção e tradução de
2.ed. Ruth Guimarães. - - 2. ed. -- São Paulo : Cultrix, 1985.

I. Contos russos I. Guimarães, Rute. II. Título.

85-0376

CDD-891.73

Índices para catálogo sistemático:

I. Contos : Literatura russa 891.73

CONTOS DE DOSTOIEVSKI



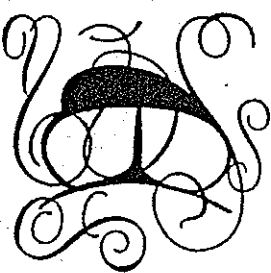
Introdução, seleção

e tradução de

RUTH GUIMARAES



EDITORA CULTRIX
São Paulo



I

U SOU um homem doente... Sou um homem malvado. Sou um homem desagradável. Creio que tenho uma doença do fígado. Aliás, não compreendo absolutamente nada da minha moléstia e não sei mesmo exatamente onde está o mal.

Não me cuido, nunca me cuidei, se bem que estime os médicos e a medicina. Demais, sou extremamente supersticioso, o bastante, em todo o caso, para respeitar a medicina (sou bastante instruído: poderia então não ser supersticioso, mas sou). Não! Se não me trato, é pura maldade de minha parte. Não sabeis certamente compreender. Pois bem! eu compreendo. Não poderrei evidentemente explicar-vos em que errei, agindo tão malvadamente: sei muito bem que não são os médicos que eu incomodo, recusando-me a tratar-me. Não engano senão a minha mesma; reconheço o melhor que ninguém. Entretanto, é mesmo por malvadéz que não me trato. Sofro do fígado! Tanto melhor! E tanto melhor ainda se o mal piora.

Há muito tempo já que eu vivo assim: uns vinte anos, pouco mais ou menos. Tenho quarenta anos agora. Fui funcionário, pedi demissão. Fui um funcionário muito ruim. Era grosseiro e tinha prazer em sê-lo. Podia bem me compensar desta maneira,

pois que eu não aceitava gorjetas (esta brincadeira não tem graça; mas não a suprimirei. Escrevi-a crendo que teria espírito; não a apaguei, entretanto, expressamente; porque vejo que queria me dar ares de importância). Quando os solicitantes em busca de informações se aproximavam da mesa diante da qual eu estava sentado, eu rangia os dentes; sentia uma volúpia indizível, quando conseguia causar-lhes algum aborrecimento. Conseguia-o quase sempre. Eram geralmente pessoas tímidas, acanhadas. Solicitantes, pois quê! Mas havia às vezes presumidos entre eles, petulantes, e eu detestava particularmente certo oficial. Ele não entendia de submissão e arrastava o grande sabre, de um modo detestável. Durante um ano e meio movi-lhe guerra, por causa desse sabre, e finalmente saí vencedor: ele parou de teimar. Isto, aliás, se passava no tempo da minha mocidade.

Ora, sabeis, senhores, o que excitava sobretudo minha raiva, o que a tornava particularmente vil e estúpida? É que eu me intei-rava vergonhosamente, mesmo quando a minha bília se esparramava mais violentamente, que eu não era mau homem, no fundo, não era nem mesmo um homem azedo, e que tomava posto, muito simplesmente, em assustar os pardais. Tenho espuma na boca; mas, trazei-me uma boneca, ofereci-me uma chávena de chá bem doce, e é provável que eu me acalme; sentir-me-ei mesmo muito comovido. É verdade que, mais tarde, morderei os punhos de raiva, e de vergo-nha perderei o sono durante alguns meses. Sim, eu sou assim.

Menti antes, quando disse que tinha sido um mau funcionário. Foi por despeito que menti. Tentava muito simplesmente distrair-me com os solicitantes e esse oficial, e nunca pude conseguir tor-nar-me realmente mau. Com efeito, verificava sempre em mim a presença de um grande número de elementos diversos que se opunham violentamente. Sentia-os ferverem em mim, por assim dizer. Sabia que estavam presentes sempre e aspiravam a mani-festar-se do lado de fora, mas eu não os deixava; não, não lhes permitia evadirem-se. Atormentavam-me até à vergonha, até às con-vulsões. Oh! como eu estava fatigado! como estava saturado!

Mas não vos parece, senhores, que eu me arrependo e que vos peço perdão de não sei que crime? Estou certo, senhores, que ides imaginar isso... Mas aliás, digo-vos que, quer vós o imaginéis ou não, isso me é indiferente...

Jamais consegui nada, nem mesmo me tornar malvado; não con-segui ser belo, nem mau, nem canalha, nem herói, nem mesmo um insecto. E agora, termino a existência no meu cantinho, onde

tento piedosamente me consolar, aliás sem sucesso, dizendo-me que um homem inteligente não consegue nunca se tornar alguma coisa, e que só o imbecil triunfa. Sim, meus senhores, o homem do século XIX tem o dever de ser essencialmente destituído de cará-ter; está moralmente obrigado a isso. O homem que possui caráter, o homem de ação, é um ser essencialmente mediocre. Tal é a convicção de meus quarenta anos de existência.

Tenho quarenta anos atualmente. Ora, quarenta anos, é toda a vida, é a profunda velhice. É inconveniente, é imoral, é vil viver além dos quarenta. Quem vive depois dos quarenta anos? Respondei sinceramente, honestamente! Vou dizer-vos, sim, eu: os imbecis, os patifes, esses vivem mais de quarenta anos. Eu o pro-claimarei à face de todos os velhos, de todos os respeitáveis velhos, de todos os velhos de cabelos cor-de-prata e perfumados! Eu o proclamarei à face do universo inteiro. Tenho o direito de falar assim, porque eu, eu viverei até os sessenta anos! até os setenta anos! até os oitenta anos! Mas esperai! Deixai-me tomar fôlego!

Imaginais, certamente, senhores, que me proponho vos fazer rir? Enganais-vos a esse respeito, como sobre o resto. Não sou de modo algum tão divertido como vos parece, ou quanto vos pode parecer. De resto, se agastados por toda essa tagarelice (estais irritados, sinto já), vós me perguntais o que sou, afinal de contas, responderei: sou um assistente de colégio. Entrei na administração para poder comer (mas unicamente para isso), e quando no ano passado um dos meus parentes afastados me legou por testamento seis mil rublos, pedi depressa minha demissão e me enterrei no meu canto; ali morava já há muito tempo, mas instalei-me agora definitivamente. O quarto que ocupo nos confins da cidade é feio, e desmantelado. Minha criada é uma velha camponesa que a burri-ce tornou malvada; além disso, cheira mal. Dizem-me que o clima de Petersburgo me é prejudicial, e que a vida custa caro demais para os recursos ínfimos de que disponho. Sei disso; sei bem melhor que todos esses sábios conselheiros. Mas fico em Peters-burgo. Não deixarei Petersburgo porque... Que eu patia ou não, aliás, que importa!...

Mas, do que um homem honesto pode falar com mais prazer?

Resposta: de si mesmo.

Pois bem! Vou então falar de mim mesmo!

Quero agora contar-vos, meus senhores, quer o desejeis ou não, por que eu não conseguí nem mesmo me tornar um inseto. Declaro-vos solenemente: um grande número de vezes já tentei tornar-me um inseto; mas não fui julgado digno disso.

Uma consciência clarividente demais, asseguro-vos, senhores, é uma doença, uma doença muito real. Uma consciência ordinária nos basta mais que amplamente em nossa vida cotidiana, isto é, uma porção igual à metade, a um quarto da consciência outorgada ao homem culto do nosso século XIX e que, para sua desgraça, habita Petersburgo, a mais abstrata, a mais "premeditada" das cidades que existem sobre a terra (pois há cidades premeditadas e outras que não o são). Ter-se-ia, por exemplo, amplamente o suficiente dessa porção de consciência, que possuem os homens ditos sinceros, espontâneos, assim como os homens de ação.

Imaginais, aposto, que escrevo tudo isto por attitude, para zombar dos homens de ação, para me dar importância, como esse arrastador de sabre de que falava há pouco, mas seria uma attitude de muito mau gosto. Quem pensaria então, digei-me, senhores, em se glorificar com suas doenças e fazer delas motivo de orgulho?

Mas que digo eu! Todo o mundo age assim. É precisamente de suas moléstias que cada um tira glória e eu, provavelmente, ainda mais que os outros. Não discutamos! Minha objeção é estúpida.

Entretanto — estou firmemente convencido — a consciência, toda consciência é uma enfermidade. Eu o sustento. Mas deixemos isto por agora. Respondei-me a isto: como era possível que sempre, no instante mesmo — sim, como se fosse de propósito — precisamente no instante em que eu era o mais capaz de apreciar todas as nuances do belo, do sublime, como se dizia entre nós há pouco tempo (*), me acontecesse não somente pensar, mas fazer coisas tão incongruentes que... ações, para ser breve, que todos

(*) Alusão ao idealismo e ao sentimentalismo que tinham reinado na literatura russa, sob a influência, por um lado, de Rousseau e, por outro, do Romantismo alemão.

levam a cabo talvez bem, mas que eu praticava justamente quando tinha perfeita consciência de que era preciso me abster? Quanto mais o bem e todas as coisas "belas e sublimes" se tornavam claras à minha consciência, mais profundamente eu me afundava na minha lama, mais eu me sentia capaz de me enterrar definitivamente. Porém o que era particularmente notável, é que esse desacordo não parecia uma coisa fortuita, dependendo das circunstâncias, mas parecia vir por si e se produzir muito naturalmente. Dir-se-ia que era meu estado normal e de modo nenhum uma doença ou um vício; a tal ponto que, finalmente, perdi todo o desejo de lutar. Enfim, para conduzir, admito quase (talvez o admita completamente) que tal era com efeito o estado normal do meu espírito. Mas, antes, no começo, quantos sofrimentos supportei pacientemente nessa luta! Não acreditava que outros pudessem estar no mesmo caso, e durante toda a minha vida escondi esta particularidade como um segredo. Eu tinha vergonha (pode ser que tenha vergonha ainda hoje). Isto ia tão longe que me acontecia gozar uma espécie de prazer secreto, vil, anormal, ao entrar em casa, no meu buraco, por uma dessas noites petersburguesas sujas e feias, e repetindo-me que tinha ainda cometido uma vilania, nesse dia, e que era impossível reaparecer lá em cima. E inquietava-me então interiormente. Eu me atormentava, despedaçava-me; bebia longamente a minha amargura, fatava-me tanto, que finalmente sentia uma espécie de fraqueza vergonhosa, maldita, onde gozava uma volúpia real. Sim, uma volúpia! Uma volúpia! Insisto nisso. Comecei a falar disto, precisamente porque eu quero saber com justeza se os outros conhecem tais volúpias.

Explicar-vos-ei: a volúpia, neste caso, provinha de que eu me inteirava demais da minha humilhação; ela unia-se à sensação de ter atingido um último limite: tua situação é abominável, mas não pode ser outra; não te resta nenhuma saída; nunca poderás mudar, porque, mesmo que tivesses o tempo e a fé necessários, tu mesmo não querias tornar-te um homem diferente; e, aliás, ainda que quisesse mudar, serias incapaz; com efeito, mudar em quê? — Não há talvez nada além disso!

Mas o essencial — e isto é o fim dos fins — é que tudo se cumpre conforme as leis fundamentais e normais da consciência reguntada e dela flui diretamente, embora seja completamente impossível não somente mudar, mas em geral, reagir, de um modo qualquer. A consciência reguntada nos diz, por exemplo: "sim,

tens razão, tu és um canalha"; mas o fato de eu poder verificar a minha própria canalhice, não me consola de jeito nenhum de ser um canalha. Mas isto chegou... Quantas palavras, meu Deus. Mas que explicaste? De onde provém essa volúpia? Procuo explicar-me entretanto. Irei até o fim. Foi para isto que tomei a pena...

Assim, por exemplo, tenho um amor-próprio terrível; sou tão desconfiado e suscetível como um corcunda, ou um anão. Mas, verdadeiramente, houve minutos da minha existência em que, se me tivessem dado uma bofetada, eu teria sido muito feliz, talvez. Falo seriamente: teria podido certamente encontrar aí algum prazer, o prazer do desespero, evidentemente; é o desespero que encobre as volúpias mais ardentes, sobretudo quando a situação parece realmente sem saída. Ora, aí, no caso da bofetada, quanto aniquilamento esta sensação de ter sido esmagado assim!

Mas o principal é que sempre acontece que sou eu o culpado, de qualquer lado que se examinem as coisas, e, o que é mais, culpado sem afinal o ser, ou dito por outra forma: de conformidade com as leis da natureza. Sou culpado, em primeiro lugar porque sou mais inteligente do que todos aqueles que me rodeiam (julguei-me sempre mais inteligente do que aqueles que me cercam, e acontece-me até — imagina! — sentir-me confuso com a minha superioridade, de tal modo que durante a minha vida tenho olhado as pessoas de esguelha, por assim dizer, e nunca pude encará-las bem de frente). Sou culpado, além disso, porque mesmo que eu tivesse tido um sentimento qualquer de generosidade, a consciência de sua inutilidade não teria servido senão para me atormentar ainda mais. Eu não teria podido certamente tirar nada daí: não teria podido perdôar, pois o ofensor teria me atacado conforme as leis da natureza, as quais não fazem caso do nosso perdão; mas impossível, por outro lado, esquecer, pois o insulto, por mais natural que seja, nem por isso permanece menos. Enfim, mesmo que eu renunciasse a ser generoso e quisesse, ao contrário, vingar-me do ofensor, não poderia fazê-lo, porque me era impossível decidir-me a agir, mesmo que tivesse esse direito.

E, afinal, por quê? É a esse respeito que eu queria dizer-vos algumas palavras.

Como as coisas se passam entre aqueles que são capazes de se vingarem e, em geral, de se defenderem?

Quando o desejo de vingança se apodera de seu espírito, não há lugar nels senão para esse desejo. Precipitam-se para a frente sem se desviarem, cornos abaixados, como touros furiosos, e não se detêm na carreira senão quando se encontram diante de um muro. A propósito, diante de um muro, esses senhores, isto é, as pessoas simples e espontâneas, os homens de ação, se apagam e cedem com toda a sinceridade. Para eles esse muro não é de maneira alguma o que é para nós outros, os que pensamos, e, por consequência, não agimos: quer dizer, uma escusa; não é de modo algum, a seus olhos, um pretexto cómodo para atrepiar caminho, pretexto no qual nós outros não acreditamos geralmente, mas do qual nos aproveitamos com alegria. Não, eles, eles cedem de todo o coração. O muro é a seus olhos um apaziguamento; oferecem-lhes uma solução, moral, definitiva, direi talvez mesmo mística. Mas tornaremos a falar ainda desse muro.

Pois bem, é precisamente esse homem simples e espontâneo que considero como o homem normal por excelência, no qual pensava nossa terna mãe Natureza quando nos fazia amavelmente nascer sobre a terra. Invejo esse homem. Não nego: ele é estúpido. Mas que sabeis a esse respeito? É possível que o homem normal deva ser burro. É possível mesmo que isto seja muito belo. E esta suposição me parece tanto mais justificada quanto, se tomarmos a antítese do homem normal, isto é, o homem com a consciência refinada, o homem saído não do seio da natureza, mas de um alambicque (é quase misticismo, senhores, mas estou indicando também a essa suspeita), vê-se que esse homem alambicado se apaga por vezes a tal ponto diante da sua antítese e lhe cede, que, malgrado todo o refinamento da sua consciência, acontece-lhe não mais se considerat senão tão pequeno como um rato. Será talvez um rato extremamente clarividente, mas nem por isso é menos um rato, e não um homem, enquanto que o outro é bem um homem; em consequência, etc., etc. Mas o pior é que ele se considera a si mesmo como um ratinho, ele mesmo! Ninguém, com efeito, exige dele essa confissão. E isto é muito importante.

Vejamos então um pouco esse ratinho em ação. Ele também foi ofendido, por exemplo (ele se sente quase continuamente ofen-

dido), e pretende se vingar. É possível que acumule em si mais raiva ainda que o *homem da natureza e da verdade*. O desejo desprezível e mesquinho de pagar ao seu ofensor o mal com o mal, o domínio, talvez ainda mais violentamente do que domina o *homem da natureza e da verdade*, porque este, em sua natureza natural, considera sua vingança como uma ação perfeitamente justa, enquanto que o ratinho não lhe pode admitir a justiça, por causa de sua consciência mais clarividente. Mas eis-nos enfim chegados ao ato mesmo, à vingança. Em acréscimo à vilania inicial, o desgraçado ratinho conseguiu acumular em torno de si, sob a forma de dúvidas e hesitações, tantas outras vilanias, a primeira indagação ajuntou tantas outras, completamente insolúveis, que, por mais que faça, criou em torno de si um atoleiro fatal, um lodacal fedorento, um charco de lama, formado de suas hesitações, de suas suspeitas, de sua agitação, de todos os escarros que fazem chover sobre ele os homens de ação que o cercam, o julgam, o aconselham e dele riem a bandeiras despregadas.

Não lhe resta então mais nada a fazer, evidentemente, que abandonar tudo, simulando desprezo, e desaparecer vergonhosamente no seu buraco. E lá, num sujo e lamacento subterrâneo, nosso ratinho, insultado, batido e escarnecido, lentamente mergulha na sua raiva fria, envenenada e sobre tudo, inesgotável. Durante quarenta e mais anos ele se lembrará do insulto sofrido, em todos os seus pormenores mais vergonhosos, e acrescentando-lhe de cada vez outros mais vergonhosos ainda, excitando-se, malvadamente, atirando-lhe a imaginação. Ele próprio terá vergonha, mas evocará todas as minúcias, passará em revista uma a uma todas as circunstâncias, inventará mesmo outras, sob o pretexto de que elas teriam podido acontecer, e não perdoará nada.

Talvez mesmo tente se vingar, mas em segredo, em pequenas doses, incógnito, sem nenhuma confiança nem em seu direito nem no sucesso da sua vingança, e sabendo muito bem que suas tentativas de vingança o farão sofrer muito mais a ele mesmo do que aquele contra o qual são dirigidas, e que nem sequer provavelmente as notará. No seu leito de morte, ele se recordará de novo e aí reunirá os proveitos acumulados, e então... Mas é precisamente essa mistura abominável e gelada de desespero e de esperança, e precisamente esse sepultamento voluntário, e esta existência de emparedado vivo, esta ausência, claramente percebida, mas sempre duvidosa, de toda solução, e esse vínculo de desejos insatisfeitos e enfiados, de decisões febris tomadas para a eternidade mas imediatamente segundas de remorsos, e isso precisamente o que se

prega esta volúpia estranha de que falava antes. Ela é tão sutil, às vezes, escapa a tal ponto à consciência, que as pessoas um tanto medíocres — ou mesmo aqueles que têm simplesmente os nervos sólidos — nada percebem. "Tampouco compreenderão, ajuntareis talvez zombeteiramente, aqueles que nunca foram estapados." E vós me fareis polidamente entender assim que recebi uma bofetada e que falo com conhecimento de causa. Aposto que o pensastes. Mas tranquilizai-vos, senhores, não fui esbofetado, e de resto, o que possais pensar a esse respeito me é completamente indiferente. Talvez seja eu quem lamente ter distribuído pouquíssimos bofetões em minha existência. Mas basta! nem mais uma palavra sobre esse assunto, por mais interessante que seja para vós!

Continuo então tranquilamente a respeito das pessoas de nervos sólidos que não saboreiam certas volúpias sutis. Se bem que esses senhores dêem mugidos como touros em certos casos, se bem que isso seja muito honroso para eles, entretanto, como eu disse, diante do impossível eles cedem, apagam-se. Impossibilidade! portanto, muralha de pedra. Mas que muralha é essa? São as leis naturais evidentemente, os resultados das ciências exatas, as matemáticas. Se vos demonstram, por exemplo, que descendeis do macaco, inútil fazer cara feia! deveis aceitá-lo. Se vos provam que uma só gota de vossa própria gordura vos deve ser mais cara que cem mil dos vossos semelhantes, e que é por isso que desabrocham todas as virtudes, todas as obrigações e outras fantasias e preconceitos, não há nada a fazer, deveis aceitá-lo, porque duas vezes dois são quatro; é da força das matemáticas. Tentai um pouco discutir! (*)

"Perdão! exclamarão, vós não podeis protestar: duas vezes dois são quatro. A natureza não se importa com as vossas pretensões; ela não se preocupa com os vossos desejos e se suas leis não vos convêm, pouco se lhe dá. Sois obrigado a aceitá-la tal como é, assim como todas as consequências. Um muro é um muro..., etc, etc. Mas que me importam, meu Deus! as leis da natureza e a aritmética, se, por uma razão ou por outra, essas leis e este "das vezes dois quatro" não me agradam? Não poderei evidentemente quebrar esse muro com a cabeça, se minhas forças não são suficientes; mas recuso-me a me humilhar diante desse obstáculo, pela única razão de que é um muro de pedra e que minhas forças são insuficientes!

(*) Alusão à moral utilitária, preconizada na época por Tchernichevski, Dobrolioubov e Pissarev.

Como se esse muro pudesse me trazer um apaziguamento qualquer, como se alguém se pudesse reconciliar com o impossível pela única razão de ter sido estabelecido "dois e dois serem quatro". Oh! o mais absurdo de todos os absurdos!

Quanto é mais penoso compreender tudo, tomar consciência de todas as impossibilidades, de todos os muros de pedra; porém não se humilhar diante de nenhuma dessas impossibilidades, diante de nenhuma dessas muralhas se isso te repugna, chegar, seguindo as deduções lógicas mais inelutáveis, às conclusões mais desesperadoras, no tocante a esse tema eterno de tua parte de responsabilidade nessa muralha de pedra, se bem que esteja claro até a evidência que tu não estás aqui para nada, e em consequência, metê-las silenciosamente, mas rangendo deliciosamente os dentes, na tua inércia, pensando que não podes mesmo te revoltar contra seja o que for, porque não há ninguém em suma, porque isto não é senão uma farsa, senão uma falcatrua, porque é uma trapalhada, não se sabe o quê nem se sabe quem, porém que, malgrado todas estas velhacadas, malgrado esta ignorância, tu sofres, e tanto mais quanto menos comprendes.

IV

"Ah! Ah! Ah! Se é assim, você chegará a descobrir uma certa volúpia até na dor de dentes!", exclamais vós, rindo.

— Mas, sim, responderei; há uma volúpia na dor de dentes: tive dor de dentes um mês inteiro; sei o que digo. Não se sofre em silêncio, neste caso; geme-se. Mas a esses gemidos falta franqueza; há neles certa malignidade, e tudo está ali, precisamente. Esses gemidos exprimem a volúpia daquele que sofre; se a doença não lhe trouxesse um certo prazer, ele cessaria de se queixar. É um exemplo excelente, senhores, e vou desenvolvê-lo.

Esses gemidos exprimem, primeiramente, a consciência tão humilhante da perfeita inutilidade de vosso sofrimento, sua legalidade do ponto de vista da natureza, sobre a qual escarrais, evidentemente, mas que vos faz sofrer, permanecendo perfeitamente impassível. Significam também que vós compreendeis que o inimigo não existe, mas que a dor está lá, mesmo assim, e que, com todos os vossos *Wagenheim*, sois o escravo de vossos dentes: quando calhar, vossos dentes cessarão de doer; mas se foi decidido de outra maneira, eles vos farão ainda sofrer durante três meses. E, se

vos recusais a vos submeter e protestaís apesar de tudo, não vos resta outro meio de vos consolardes senão o de vos esbofetardes e de quebrades os punhos contra a parede. Pois bem! são precisamente essas ofensas sangrentas, essas chagaças, que se permite não se sabe quem, são elas que suscitam esta sensação de prazer, a qual atinge por vezes a suprema volúpia.

Eu vos suplico, senhores, prestai atenção uma vez aos gemidos de um homem culto do século XIX que sofre dos dentes há dois ou três dias, quando ele se põe a gemer de modo diferente do primeiro dia, isto é, não unicamente porque tem uma dor, não como um grosseiro camponês, mas como um ser instruído que se pôs em contato com a civilização européia, como um homem "desligado do solo natal e dos princípios nacionais", como se diz hoje em dia (*). Seus gemidos se fazem maus, raivosos e não cessam mais, nem de dia nem de noite. Ele próprio sente muito bem, entretanto, que não lhe são de nenhuma utilidade. Melhor que ninguém, sabe que irrita os que o rodeiam e os tortura, e se tortura a si mesmo, sem proveito nenhum. Sabe que o público e a família, diante da qual se debate, não experimentarão mais que desgosto com suas queixas, não mais acreditam nelas, e compreendem que poderia gemer de outra maneira, mais simplesmente, sem todos esses trilhados, sem todas essas atitudes, e que ele exagera por malícia e por malvadez... Pois bem! aí está! É justamente nessa humilhação claramente vista que jaz a volúpia. "Ah! eu vos desoriento, dilacero-vos o coração, impeço de dormir toda a casa! Pois bem! Tanto melhor! Não durmais então! Convençei-vos de que tenho dor de dentes! Não sou mais para vós esse herói que pretendia ser; não passo de um pobre poltrão, de um patife! Tanto melhor! Estou feliz, mesmo que me tenhais adivinhado enfim! Meus miseráveis gemidos vos são penosos de ouvir? Tanto pior! Eu vos lançarei numa roda-viva mais bela ainda!..."

Continuais a não compreender, senhores? — Sim, para poder apanhar todas as nuances dessa volúpia sensual, é preciso que vossa consciência atinja uma grande profundidade. Rides? Sou muito feliz. Minhas brincadeiras, senhores, são de muito mau gosto, certamente; são embrulhadas e soam falso. Tudo isto provém de que eu não me respeito: mas aquele que se conhece pode se estimar, por pouco que seja?

(*) Fórmula corrente da polémica dos eslavófilos contra os ocidentalistas.

E possível verdadeiramente sentir ainda algum respeito por si mesmo, aquele que se dedicou a descobrir uma certa volúpia na consciência da sua própria humilhação? Isto que digo não é de modo algum ditado por insípido renosso. E, em geral, detesto dizer: "Perdoe-me, papai, não o farei nunca mais!" Não porque seja incapaz de pronunciar estas palavras, mas talvez muito ao contrário, porque sou capaz demais!

E como um fato expresso, eu me precipitava para a frente precisamente quando não estava absolutamente para nada no negócio. Era o que havia de mais repugnante. E com isto eu me enternecia, confessava-me, chorava e, por fim, naturalmente, enganava-me a mim mesmo, não dissimulando, entretanto: era meu coração quem me pregava estas partidas de mau gosto.

Neste caso nem sequer nos podíamos queixar das leis da natureza, embora essas leis me tivessem feito sofrer numerosos vexames no curso da minha existência. E penoso recordar tudo isto, e, de resto, naquele momento era muito penoso também. Com efeito, um minuto mais, e convergo-me raivosamente de que tudo isto não é senão mentira, mentira ignóbil, infame comédia — esta contigação, este enternecimento, estes juramentos de vida nova! Vós me perguntareis porque me torturava, porque me desloca assim? Resposta: porque me aborrecia demais permanecer de braços cruzados; eis aí porque me entreguei a essas contorções. Era assim, asseguro. Observai bem, senhores, e verificareis então que as coisas se passam precisamente assim. Eu imaginava aventuras e criava para mim uma existência fantástica para viver de um modo ou de outro. Quantas vezes, por exemplo, cheguei a me ofender, por motivos absurdos, de propósito: sabes bem, tu mesmo, que não há por que se zangar, e que te excitas a frio, mas te aqueces a tal ponto que chegas finalmente a te encolerizar sinceramente.

Tive sempre o gosto por estas histórias. Tanto e tão bem que finalmente perdi todo poder sobre mim mesmo. Uma vez, duas vezes mesmo, quis me forçar a me apaixonar. Sofri mesmo, senhores, garanto. Não se acreditava nesse sofrimento, no fundo da alma, ri-se dele, quase, mas sofria-se verdadeiramente, de maneira muito real; fica-se com clúme, fora de si... E a causa de tudo

isto é o tédio, meus senhores; a inércia nos esmaga. O fruto legítimo, o fruto natural da consciência é com efeito a inércia: cruzam-se os braços com conhecimento de causa. Já falei disso. Digo e repito com insistência: todos os homens simples e sinceros, todos os homens ativos, são ativos justamente porque são obusos e medíocres.

Como explicar isto? Eis aqui: por causa de sua estreiteza de espírito, eles tomam as causas secundárias, imediatas, pelas causas primeiras; e bem mais facilmente, bem mais rapidamente que os outros, imaginam ter encontrado razões sólidas, fundamentais, para sua atividade. Então, eles se tranquilizam; ora, isto é o principal. Para poder agir, com efeito, é preciso previamente atingir uma perfeita tranquilidade e não mais conservar nenhuma dúvida. Mas como alcançar essa tranquilidade de espírito? Onde poderia eu encontrar os princípios fundamentais sobre os quais possa construir? Onde está minha base? onde iria procurá-la?

Excito-me pensando. Por outras palavras, toda a causa em mim arrasta imediatamente uma outra após ela, ainda mais profunda, mais fundamental, e assim em seguida, até o infinito. Tal é a essência de todo o pensamento, de toda a consciência. Encontramo-nos então diante das leis da natureza. E o resultado? E sempre o mesmo, lembrai-vos! Falei-vos antes em vingança (certamente não penetrastes muito bem a coisa). Diz-se: o homem se vinga porque considera que isso é justo. Encontra então o princípio fundamental que procurava: é a justiça. Sente-se então completamente apaziguado e vinga-se com toda a tranquilidade e com pleno sucesso, estando persuadido que cumpre uma ação justa e honesta. Ora, quanto a mim, eu não vejo nada de justo nem de bom; e, se, por conseguinte, tento me vingar, é pura malvadez da minha parte. A raiva poderia evidentemente vencer todas as hesitações e seria então capaz de desempenhar com sucesso o papel dessa razão fundamental, precisamente porque ela não pode ser considerada como tal. Mas que fazer, se não sou suficientemente malvado? (Indiquei-o desde o começo.)

Minha raiva é submetida a uma espécie de decomposição química, em virtude justamente dessas mesmas malditas leis da consciência. Mal distingui o objeto do meu ódio, ei-lo que se desvanece, os motivos se dissipam, o responsável desapareceu, o insulto não é mais insulto, mas um golpe do destino, alguma coisa como uma dor de dentes, de que ninguém é culpado. E não me resta mais então outro consolo que quebrar meus punhos contra a pa-

rede. Na impossibilidade de encontrar as causas primeiras, renuncio então à minha vingança com um desdém afetado. Ah! se a gente tentasse abandonar-se a seu sentimento, cegamente, sem reflexão alguma, sem procurar nenhuma razão, afastando para bem longe de si toda a consciência, nem que fosse por algum tempo! Seria então uma coisa muito diferente! Maldize ou adora, mas não permanenças de braços cruzados. A partir do depois de amanhã — último adiamento — tu te desprezarás de ter conscientemente te enganado a ti mesmo. Resultado final: bolha de sabão, inércia.

Ah! senhores! é possível que eu me considere extremamente inteligente pela única razão de que, em toda a minha vida, nunca pude começar nem acabar fosse o que fosse. Não passo pois de um tagarela, de um tagarela inofensivo, de um impetivamente como nós todos. Mas que fazer, senhores, se o destino de todo homem inteligente é tagarelar, isto é, derramar água numa peneira!

VI

Oh! se eu não tivesse passado de um preguiçoso! como eu me teria respeitado a mim mesmo! Ter-me-ia respeitado precisamente porque me teria visto capaz ao menos de preguiça, porque teria possuído então ao menos uma qualidade definida, da qual estaria certo. Pergunta: Quem és? Resposta: um preguiçoso! Teria sido verdadeiramente muito agradável ouvir chamar-se assim. Tu estás então definido de maneira positiva; há alguma coisa então a dizer da tua pessoa... "Um preguiçoso!" — É um título, é uma função, é uma carreira, meus senhores! Não rias disto; é assim. Teria sido, assim, por direito, membro do primeiro clube do universo e teria passado todo o meu tempo a me respeitar. Conheci um sujeito cujo orgulho era ser entendido em Lafitte (*). Considerava essa qualidade como uma virtude muito preciosa e não duvidou jamais dela. Morreu com a consciência não somente tranqüila, mas triunfante mesmo, e teve razão. Eu teria nesse caso escolhido uma carreira: teria sido um preguiçoso e um glúião; não um guloso vulgar, mas um gozador, interessando-se por "tudo que é belo e sublime". Que pensais? Há muito tempo sonho isso. "O belo e o sublime" pesam como chumbo sobre a minha nuca desde que fiz quarenta anos. Desde que tenho quarenta anos! Mas antes?

(*) Banqueiro e homem político francês (1767-1844).

teria sido muito diferente! Teria logo encontrado uma forma de atividade adaptada ao meu caráter: por exemplo, beber à saúde de todas as coisas "belas e sublimes". Teria agarrado cada ocasião de beber à glória "do belo e do sublime", depois de ter, previamente, deixado cair uma lágrima na minha taça. Eu teria então tornado todas as coisas "belas e sublimes"; teria descoberto "o belo e o sublime", até nas torpezas mais incontestáveis; teria derramado prantos tão abundantes, como aqueles que deixa escapar uma esponja. Um pintor, por exemplo, compôs um quadro digno de Ghé (*), logo eu bebo à saúde desse pintor, porque amo tudo que é "belo e sublime". Um poeta escreveu *Como Agradar a Cada Um* (**), e eu bebo depressa à saúde de cada um, porque amo "o belo e o sublime". Isto me valerá o respeito geral; exigirei esse respeito; perseguirei com a minha cólera aquele que mo recusar. Vivo pacificamente, morro solenemente. Não é admirável? Não é esquisito? Teria deixado crescer um ventre tão opulento, teria erguido para o alto um nariz tão gorduroso, teria ornado meu rosto com um queixo tão vasto, que todos ao me verem teriam exclamado: "Eis aí um ser bem real, um ser positivo!" Como quizerdes, mas é bem agradável ouvir dizer tais coisas a seu respeito em nosso século, tão essencialmente negativo.

VII

Mas não são senão sonhos de ouro!

Oh! digei-me qual foi aquele que primeiro declarou, que proclamou primeiro que o homem não comete vilanias senão porque não se apercebe de seus próprios interesses, e que se fosse esclarecido, se lhe abrissem os olhos sobre seus verdadeiros interesses, sobre seus interesses normais, cessaria imediatamente de cometer vilanias, e se tornaria no mesmo instante bom e honesto, pois, esclarecido pela ciência e compreendendo seus verdadeiros interesses, encontraria no bem sua própria vantagem? Como está entendido que ninguém pode agir conscientemente contra seu próprio interesse, o homem seria então por assim dizer colocado na necessidade de fazer o bem. Oh! criança! criança pura e ingênua!

Mas dar-se-á que o homem, no curso desses milhares de anos, não agiu senão segundo o seu interesse? Que faremos então des-

(*) Pintor realista e moralista. Pintou o retrato de Leon Tolstói.

(**) Nekrássov.

ses milhões de fatos que atestam que os homens, tendo embora perfeita consciência do seu interesse, o relegam a segundo plano e enveredam por um caminho totalmente diferente, cheio de riscos e de acasos? Não são, entretanto, forçados a isso; mas parece que querem precisamente evitar a estrada que se lhes indicava, para traçar livremente, caprichosamente, uma outra, cheia de dificuldades, absurda, mal reconhecível, obscura. E que essa liberdade possui a seus olhos mais atrativos que seus próprios interesses... O interesse! Que é o interesse? Vós vos empenhais em me definir com toda a exatidão em que consiste o interesse do homem? Que direis vós se um belo dia se vem a descobrir que o interesse humano em certos casos pode ou mesmo deve consistir em desejar, não uma vantagem, mas um mal? Se é assim, se esse caso se pode apresentar, então tudo demorona. Que pensais disto? Tal caso pode se apresentar?

Vós rídes! Ríde, senhores, mas respondei! Os interesses humanos estão enumerados com exatidão? Será que não existem alguns que não entrem em nenhuma das vossas classificações e não podem aí encontrar lugar? Com efeito, tanto quanto sei, senhores, organizastes vosso registro dos interesses humanos de acordo com as cifras médias das estatísticas e das fórmulas económico-científicas. Os interesses humanos são, pois, segundo vós, a riqueza, a tranquilidade, a liberdade, e assim por diante; de maneira que, o homem que repelisse consciente e ostensivamente o vosso registro, deveria ser considerado, na vossa opinião, e, aliás, também na minha, como um obscurantista, um louco? Não é assim? Mas eis o que é bem estranho: como é possível que todos esses estatísticos, esses sábios, esses filantropos, deixem constantemente de lado um certo elemento, nos seus cálculos de interesses humanos? Eles não querem mesmo levá-los em conta nas suas fórmulas, cujos resultados assim falseiam. A coisa não seria difícil, entretanto; por que não completar a lista e introduzir-lhe o elemento em questão?... Mas a dificuldade provém de que esse elemento tão particular não pode encontrar lugar em nenhuma classificação e não pode se inscrever em nenhuma lista. Eis um exemplo: eu tenho um amigo... Mas fico pensando nisso! Vós o conheceis também; ele é o amigo de todo o mundo.

Quando se prepara para agir, esse senhor começa por explicar-vos muito claramente, com belas e grandes frases, como-lhe é preciso agir para se conformar à razão e à verdade. É pouco dizer: ele discutirá com paixão, com entusiasmo, interesses reais e normais da Humanidade; escarnecerá cegamente dos tolos que não

compreendem nem seus verdadeiros interesses, nem o verdadeiro valor da virgide. Mas, um quarto de hora depois, nem mais cedo nem mais tarde, sem razão nenhuma, sob um impulso interior mais poderoso que todas as considerações do interesse, ele fará uma coisa ridícula, uma tolice qualquer, e agirá então contra todos os preceitos que tinha citado, contra a razão, contra os seus interesses, contra tudo...

Previno-vos, de resto, que meu amigo é uma personalidade coletiva e que é difícil, por consequência, condemná-lo sozinho. É precisamente a isto que quero chegar, senhores! Não há uma coisa, com efeito, que nos seja a todos mais cara que os nossos interesses mais preciosos? Por outras palavras (para não violar a lógica): não existe para nós um interesse (aquele que se deixa de lado, aquele de que acabamos de falar) mais interessante que todos os outros interesses, mais precioso que todos eles, e pelo qual o homem está pronto, se for preciso, a agir contra todas as regras, isto é, contra a razão, sacrificando-lhe sua honra, sua paz, sua felicidade, todas as coisas belas e vantajosas, em uma palavra, nada senão para atingir uma coisa única que lhe é mais cara que todas as outras, que constitui a seus olhos seu interesse supremo?

— Sim, — direis, — mas é ainda de interesse que se trata... — Permiti! Vamos nos explicar, não é com jogos de palavras que se pode esclarecer a questão. O que faz a singularidade dessa coisa, desse interesse, é que ele destrói todas as nossas classificações e altera todos os sistemas edificadas pelos amigos do gênero humano para a felicidade do homem. Em uma palavra, é um embaraço, um obstáculo. Mas antes de vos apontar essa coisa, quero me comprometer pessoalmente, e afirmo então com altivez que todos esses belos sistemas, que todas essas teorias que pretendem explicar à Humanidade em que consistem seus interesses normais, a fim de que ela se torne logo virtuosa e nobre no seu esforço para atingir os ditos interesses, declaro que tudo isso não passa de logística (*). Sim, pura logística! Crer que a renovação do gênero humano possa realizar-se fazendo-lhe conhecer seus verdadeiros interesses, equivale, no meu modo de pensar, a admitir com Buckle (**) que a civilização suaviza o homem, que se torna

(*) Sistema que consiste em completar a experiência com o raciocínio. Diz-se de certos logarismos empregados em astronomia.

(**) Historiador inglês (1822-1862). Numa *História da Civilização na Inglaterra* tentou estabelecer as leis do desenvolvimento da Humanidade.

cada vez menos sanguinário, menos guerreiro. Buckle chegou a esse resultado muito logicamente, creio. Mas o homem nutre tal paixão pelos sistemas, pelas deduções abstratas, que está pronto a desfigurar conscientemente a verdade, pronto a fechar os olhos e tapar os ouvidos diante da verdade, tudo para justificar sua lógica.

Tomo este exemplo porque é convincente. Olhai pois em torno de vós! O sangue corre em borbotões, alegremente mesmo, como champagne. Vede nosso século XIX, no qual viveu Buckle! Vede Napoleão, o outro, o grande, e o de hoje! Vede a América do Norte e sua união, estabelecida para a eternidade! Vede enfim esse caricatural Schleswig-Holstein (*). Então em que é que a civilização nos adoça? A civilização não faz mais que desenvolver em nós a diversidade das sensações... nada mais. E graças ao desenvolvimento dessa diversidade, é muito possível que o homem acabe por descobrir uma certa volúpia no sangue. Isto aliás já aconteceu.

Notastes já que os sanguinários mais refinados foram sempre senhores muito civilizados, junto dos quais todos esses Átila, todos esses Stenka Razine (**) fariam uma figura bem mesquinha. Se esses senhores se fazem notar menos, é que se encontram mais frequentemente e estamos habituados com isso. Mas se a civilização não tornou o homem mais sanguinário, tornou-o sem dúvida mais sordidamente, mais covardemente sanguinário. Antigamente, o homem considerava que tinha o direito de derramar sangue, e era com a consciência bem tranqüila que destruía o que bem lhe parecia. Hoje, embora considerando a efusão de sangue uma ação condenável, nem por isso deixamos de matar, e mais frequentemente ainda do que antes. Isto vale mais? Decidi vós mesmos. Diz-se que Cleópatra (desculpai este exemplo tirado da História Romana) divertia-se em espetar agulhas no seio das escravas e experimentava grande prazer com seus gritos e contorções. Dir-me-eis que isso se passava numa época relativamente bárbara, que nosso século é bárbaro também, pois continuam a espetar agulhas na carne, que o homem, se bem que tenha adquirido uma compreensão mais

(*) Houve uma guerra entre a Prússia e a Dinamarca, pelos ducados de Schleswig, de Holstein e de Lauenburg, na época em que Dostoiévski escrevia *Subsolo*.

(**) Chefe de bandos cossacos, que sublevou as populações do leste da Rússia sob o reinado do Czar Alexis. Executado em 1671.

clara das coisas que naqueles recuados tempos, não pôde ainda se habituar a seguir as normas da razão e da ciência. Mas estais certos, não obstante, que ele se habituará quando se desfizer completamente de certas tendências ruins, e quando o senso comum e a ciência tiverem completamente reeducado a natureza humana, e a tiverem orientado para um caminho normal. Estais certos de que então o homem deixará de se enganar deliberadamente e se verá por assim dizer na impossibilidade de querer opor sua vontade aos seus interesses normais.

Mas há mais ainda: então, dizeis, a ciência ensinará ao homem (mas na minha opinião, isto já é um luxo supérfluo) que ele nunca teve vontade, nem caprichos, e que não passa, em suma, de uma tecla de piano, de um pedal de órgão; o que realiza, por conseguinte, realiza-o, não segundo sua vontade, mas conforme às leis da natureza. Basta pois descobrir essas leis, e o homem então não poderá mais ser considerado responsável por suas ações, e a vida se lhe tornará extremamente fácil. Todas as ações humanas poderão ser evidentemente calculadas matematicamente, de acordo com essas leis, como se faz para os logaritmos, até o centésimo milésimo, e serão inscritas nas efemérides, ou far-se-ão livros estimáveis, no gênero dos nossos dicionários enciclopédicos, onde tudo ficará tão bem calculado e previsto, que não haverá mais aventuras, nem mesmo mais ações.

Então, e sois vós quem continua a falar, ver-se-á estabelecerem-se novas relações econômicas, que serão, por sua vez, fixadas com precisão matemática, que todas as dividas desaparecerão logo, pela simples razão de que se terão descoberto todas as soluções. Então se edificará um vasto palácio de cristal. Então veremos o Pássaro de Fogo, então... (*). Não se pode certamente garantir (sou eu que falo agora) que não será terrivelmente fastidioso (que fazer, com efeito, se tudo está calculado e fixado de antemão?); em compensação, serão todos muito sábios. Evidentemente o tédio pode ser mau conselheiro: é o tédio que nos faz enterrar agulhas de ouro na carne... Mas isto não é nada ainda. O que é mais grave (sou eu quem continua a falar) é que talvez nos achemos então muito felizes de ter à mão agulhas de ouro: o homem é bruto, terrivelmente bruto, ou melhor dizendo, não é tão bruto quanto ingrato, e é difícil encontrar quem seja mais ingrato que ele. Eu

(*) Alusão à visão utópica da futura sociedade no célebre romance de Tchernichevski, *Que Fazer?*

não ficaria pois admirado se, no meio dessa felicidade, se levantasse de súbito um cavalleiro despojado de elegância, com o rosto "retrógrado" e escarminho, e que nos dissesse, pondo as mãos na cintura: "Pois bem, senhores! Se jogássemos por terra, de um só pontapé, toda essa felicidade tranqüilla, nada mais que para mandar os logarismos ao diabo e poder recommear a viver segundo a nossa tola fantasia?" Isso não seria ainda nada, mas o mais terrível é que esse personagem encontraria certamente discípulos. O homem é feito assim. E tudo isso por causa de uma coisa infinita que se poderia desprezar completamente, parece: tudo isso porque todo e qualquer homem aspira, sempre e em todas as situações, a agir segundo sua vontade e não de acordo com as prescrições da razão e do interesse; ora, vossa vontade pode e *deve* mesmo, por vezes (esta idéia me pertence, como propriedade particular), se opor aos vossos interesses. Minha vontade livre, meu arbitrio, meu capricho, por estapafúrdio que seja, minha fantasia sobreexcitada até a demência, eis precisamente a coisa que se põe de lado, o interesse mais precioso que não pode encontrar lugar em nenhuma de vossas classificações, e que quebra em mil pedaços todos os sistemas, todas as teorias.

Onde, pois, aprenderam os nossos sábios que o homem tem necessidade de não sei que vontade normal e virtuosa? Por que imaginaram eles que o homem tem aspirações após uma certa vontade racional e útil? O homem não aspira senão depois de uma vontade *independente*, qualquer que seja o preço e sejam quais forem os resultados. Mas só o diabo sabe o que essa vontade vale...

VIII

"Ah! ah! ah! mas a vontade, isso é coisa que não existe!" — vós me interrompeis rindo. — "A ciência já conseguiu tão bem dissecar o homem que, a partir de agora, sabemos que a vontade e o que se chama de livre-arbitrio não passam de..."

Permiti, senhores! Eu próprio me preparava para começar assim. Tive mesmo medo, confesso-vos: ia gitar que a vontade depende, sabe o diabo de quê, e que talvez se trate de algo muito bom, mas lembrei-me da ciência e mordi a língua: foi então que me interrompestes. Com efeito, se se conseguíssemos descobrir a fórmula de todos os nossos desejos, de todos os nossos caprichos, isto é, de onde provêm, de acordo com que leis se desenvolvem,

como se reproduzem, para que fins tendem em tais ou tais casos, etc., é provável, então, que o homem deixe logo de querer, nem sequer é provável, é certo. Que prazer haverá em não querer senão em conformidade com tábuas de cálculos? Mas isto é dizer pouco ainda: o homem cairá imediatamente na categoria de uma simples peça. Na verdade que é um homem despojado de desejo, de vontade, senão uma peça, uma transmissão? Que pensais disto? Examinemos pois as probabilidades: tal ou tal coisa poderá se produzir ou não?

— Hum! — dizeis. — Nossos desejos se enganam muito frequentemente, porque nos enganamos na avaliação dos nossos interesses. Acontece-nos querermos coisas ineptas porque, com a ajuda da nossa estupidez, cremos nos aproximarmos assim do que consideramos como particularmente interessante. Mas quando tudo estiver explicado, quando tudo for posto em ordem e fixado de antemão (o que é muito possível, pois é ridículo, pois é estúpido crer que certas leis da natureza permanecerão indecifráveis), então, evidentemente, não haverá mais lugar para o que se chama de desejos. Se nossa vontade entra então em conflito com a nossa razão, poderemos raciocinar e não querer, porque é impossível a um ser racional desejar ineptias, contradizer conscientemente a razão e procurar prejudicar-se... E uma vez que todos os desejos e todos os raciocínios poderão ser calculados antecipadamente, porque estarão descobertas as leis do nosso suposto livre-arbitrio, tornar-se-á possível, um dia, (eu não graciejo) organizar uma espécie de lista, e ter vontade, reportando-nos a ela. Admitamos que me seja provado um dia que se eu mostrei o punho fechado a alguém, é que não podia agir de outra forma, e que devia fechar o punho precisamente assim; de que liberdade disponho eu ainda, sobretudo se sou eu próprio instruído e se possuo um diploma? Posso então calcular minha existência com trinta anos de antecedência. Numa palavra, se isto se realizar, não teremos mais nada a fazer senão compreender. E, em geral, devemos repetir-nos sem descanso que nesse instante e precisamente nessa circunstância, a natureza não se preocupa conosco de maneira nenhuma, e que é preciso aceitá-la como é, e não como a enfeita a nossa fantasia, e que se aspiramos realmente às fórmulas, às efemérides, aos alambiques, não há nada a fazer, é preciso aceitar o alambique; senão ele passará perfeitamente sem a nossa aprovação.

Sim, mas é aqui justamente que me aparece a dificuldade. Mas, perdoai-me por me ter posto assim a filosofar. Não o esqueçais: tenho quarenta anos de subsoito. Permiti-me soltar as rédeas

à minha fantasia. Vede, senhores, a razão é uma coisa excelente; isto é incontestável; mas a razão é a razão e não satisfaz senão a facilidade de raciocínio do homem, enquanto que o desejo é a expressão da totalidade da vida, isto é, da vida humana inteira, inclusive a razão e seus escrúpulos; e, se bem que nossa vida, tal como se exprime assim, se revista frequentemente de um aspecto muito velhaco, nem por isso é menos vida, e não a extração da raiz quadrada.

Assim comigo, por exemplo: eu quero viver, naturalmente, a fim de satisfazer minha facilidade de existência em sua totalidade e não para satisfazer unicamente a minha facilidade de raciocínio, que não representa, em suma, senão a vigésima parte das forças que estão em mim. Que sabe a razão? A razão não sabe senão o que aprendeu (ela não saberá nunca outra coisa, provavelmente; e embora isso não seja uma consolação, não o devemos dissimular), enquanto que a natureza humana age com todo o seu peso, por assim dizer, com tudo que ela contém em si, consciente e inconscientemente; acontece-lhe cometer disparates, mas vive.

Suspeito, senhores, que me considerais com um certo desdém: vós me repetis que é impossível a um homem esclarecido e culto, ao homem do futuro, em uma palavra, que lhe é impossível querer deliberadamente o que for contrário aos seus interesses; é claro como as matemáticas. Estou inteiramente de acordo: sim, é matematicamente exato. Mas repito-vos pela centésima vez: existe um caso, um único, em que o homem pode deliberadamente, expressamente, rebuscar o que lhe é desfavorável, o que lhe parece estúpido, inepto, com o único fim de se subtrair à obrigação de escolher o aproveitável, o digno. Porque essa inépcia, esse capricho, talvez seja, efetivamente, meus senhores, o que há de mais vantajoso para nós sobre a terra, sobretudo em certos casos. É possível mesmo que essa vantagem seja superior a todas as outras, mesmo quando nos é manifestamente prejudicial e contradiz as conclusões mais justas do nosso raciocínio. Conserva-nos, com efeito, o principal, o que nos é mais caro, isto é, nossa personalidade. Alguns afirmam que isso é precisamente o que temos de mais precioso. A vontade pode querer por vezes se pôr de acordo com a razão, sobretudo se não se abusa desse acordo e se dele se aproveita modestamente. Isto pode ser útil e digno de aprovação. Mas, muito freqüentemente, o mais freqüente mesmo, é a vontade recusar-se obstinadamente a concordar com a razão, e então... então... Mas sabeis que isto *também* é extremamente útil e digno de aprovação?

Admiram-se, senhores, que o homem não é um bruto. Não se pode dizer, com efeito, que ele o seja, porque se o fosse, quem poderia então reivindicar a inteligência? Mas se não é um bruto, é no mínimo monstruosamente ingrato, extraordinariamente ingrato. Creio mesmo que é a melhor definição que se possa dar do homem: um ser com dois pés e ingrato. Mas não é tudo ainda: esse não é ainda o seu principal defeito. Seu principal defeito é o mau caráter, que ele conservou inalterável, desde o dilúvio universal até o período schleswig-holsteiniano de nossa História. Mau caráter, e, em consequência, conduta insensata, porque se sabe há muito tempo que esta decorre daquele. Tentai, lançai um olhar pela História da Humanidade! Que vedes? É grandioso, dizeis? — Sim, bem pode ser; só o colosso de Rodas já representa alguma coisa. E não é em vão que M. Anajevski (*) nos lembra que, segundo uns, o colosso era uma obra humana, ao passo que outros afirmavam que era o produto das forças naturais. Estareis chocados pela variedade? Sim, há nisso uma certa variedade: para disso nos convenceremos, basta lançarmos uma olhada pelos grandes uniformes civis e militares, e se lhes juntarmos as pequenas fardas, perder-nos-emos completamente; nenhum historiador resistirá a isso. Monótono, dizeis? — É possível. Não se faz senão guerrear, com efeito. Luta-se hoje, lutou-se ontem, lutar-se-á amanhã. E mesmo um pouco monótono demais, confessai!

Numa palavra, pode-se dizer tudo da História Universal, tudo que se apresentar à imaginação mais desregada. Mas é impossível dizer que ela é racional; equivocar-vos-eis desde a primeira sílaba. E, ademais, eis ainda o que se passa constantemente: homens aparcem, sensatos e de bons costumes, filantropos, cujo fim é levar uma existência racional e honesta, a fim de agirem pelo exemplo sobre seus semelhantes e de provar-lhes que é possível viver sabiamente. Mas que acontece, então? Sabe-se que grande número desses amantes da sabedoria acabam, mais cedo ou mais tarde, por trair suas idéias e se comprometem em escandalosas histórias.

Pois bem! Eu vos pergunto: o que se pode então esperar do homem, desse ser dotado de qualidades tão estranhas? Tentai derramar sobre ele todos os bens da terra; mergulhai-o na felicidade, tão profundamente, que não se distingam mais na superfície senão algumas bolhas de ar: satisfazei suas necessidades económicas tão completamente que ele não tenha mais nada a fazer senão dor-

(*) Autor de manuais escolares.

mir, comer pães de mel, e pensar nos meios de fazer durar a História Universal — pois bem! mesmo nesse caso o homem, por pura ingratidão, por necessidade de se emporcalhar, cometerá, à guisa de agradecimento, uma vilania qualquer. Correá até o risco de perder os seus pães de mel e procurará as inépcias mais perigosas, os absurdos menos proveitosos, só para misturar a essa sabedoria tão positiva um elemento fantástico, pernicioso. São precisamente os seus sonhos mais fantásticos, é a sua asniçe mais vulgar, que ele pretenderá conservar, unicamente para provar a si mesmo (como se isso fosse verdadeiramente tão necessário) que os homens são homens e não teclas de piano, sobre as quais se dignam tocar, é verdade, as leis da natureza, que tocam de resto com tal brio que muito em breve não será possível querer seja o que for sem se referir aos calendários. E depois, mesmo que se achasse que o homem não passa realmente de uma tecla de piano, se se chegasse a lho demonstrar matematicamente, mesmo nesse caso, ele não tomaria juízo e cometeria alguma incongruência, apenas para marcar bem sua ingratidão e perseverar no seu capricho. E, no caso em que os outros meios lhe faltassem, ele se afundaria na destruição, no caos, desencadearia não sei que males, mas não faria finalmente senão o que lhe desse na cabeça. Lançará sua maldição sobre o mundo, e como só ao homem é dado amaldiçoar (isto é bem um privilégio seu, que o distingue muito particularmente dos outros animais) alcançará assim os seus fins, isto é, convencer-se de que é um homem e não uma peça.

Se me disserdes que o caos, as trevas, as maldições, que tudo isso pode também ser calculado de antemão, se bem que a só possibilidade desse cálculo irá paralisar o impulso do homem e que a razão triunfará, assim, uma vez mais, então eu vos confessarei que o homem só terá um meio de fazer o que lhe apraz, que é perder a razão e tornar-se completamente louco.

Isto é óbvio para mim; eu vo-lo garanto, pois parece claro que desde todos os tempos a grande preocupação do homem foi provar sem cessar, a si mesmo, que ele era um homem e não uma engrenagem. Com isso arriscava a pele, mas provava-o: vivia como um troglodita, mas provava-o. E como, depois de tudo isto, não pecar, como não nos felicitaros por não estarmos ainda nessa situação e por a nossa vontade depender ainda não se sabe de quê?

Vós exclamais (se me fazeis ainda a honra de gritar) que ninguém pensa em me privar de minha vontade, que a gente só se

agita para arrumar as coisas de tal maneira, que por si mesma, por sua própria iniciativa, minha vontade possa pôr-se de acordo com os meus interesses normais, com as leis naturais, com a aritmética.

Ora vamos, senhores! Que restará da minha vontade, quando tudo estiver nas tábuas de calcular e quando não houver mais que "duas vezes dois quatro"? Duas vezes dois serão quatro sem que minha vontade se incomode com isso. A vontade quer saber de coisa bem diferente!

IX

Senhores, gracejo evidentemente e eu próprio sei que meus gracejos não são muito bons; mas, aliás, não se trata unicamente de gracejos. E rangendo os dentes, talvez, que gracejo. Senhores, há problemas que me atormentam: ajudai-me a resolvê-los. Assim, quereis libertar o homem de seus antigos hábitos e corrigir-lhe a vontade segundo os dados da ciência e conforme ao senso comum. Mas como sabeis que o homem pode e deve ser corrigido? De onde concluístes que a vontade do homem deve necessariamente ser educada? Em uma palavra: por que pensais que essa educação lhe é realmente útil? E para dizer tudo: por que estais tão firmemente persuadidos que é sempre vantajoso para o homem não contrariar seus interesses normais, reais, garantidos pelo raciocínio e pela aritmética? Isto não é, em suma, senão uma suposição vossa. Admitamos mesmo que tal seja com efeito a lei lógica; mas será verdadeiramente a lei humana? Pensais, talvez, que sou louco, senhores? Permitti-me que me explique.

Admito: o homem é um animal essencialmente construtor, obrigado a se dirigir conscientemente para um fim qualquer, é um engenheiro. Deve, pois, constantemente traçar caminhos novos, não importa em que direcções. Mas é talvez por causa disso, precisamente, que tem por vezes desejo de escapar pela tangente, porque, por estúpido que seja o homem de ação, ele adivinha por vezes que toda estrada leva sempre a *alguma parte*, e que não é a sua direcção que importa, mas o próprio fato de que ela o conduz para um lugar qualquer, a fim de que o menino sabido não se lembre de desprezar seu ofício de engenheiro e não se abandone à preguiça, a qual é, como se sabe, a mãe de todos os vícios. E

indiscutível que o homem gosta muito de construir e traçar caminhos; mas como acontece então que ele ame tão apaixonadamente a destruição e o caos? Dizei-me. Mas eu mesmo gostaria de vos dizer algumas palavras a esse respeito.

Não será que ama tanto a destruição e o caos (ele os ama às vezes, é indiscutível) porque tem instintivamente medo de atingir o fim e terminar o edifício que constrói? O que sabeis disso? Ele não ama talvez esse edifício, senão de longe, e não de perto. Apiaza-lhe, talvez, construí-lo, mas não morar nele, e está pronto talvez a abandoná-lo *aos animais domésticos*: às formigas, aos carneiros, etc. As formigas, sim, têm outros gostos; possuem nesse gênero um edifício verdadeiramente extraordinário, construído para os séculos, o formigueiro.

Foi por um formigueiro que começaram as honradas formigas e é provável que tal seja também o termo da sua carreira, o que faz honra à sua constância e ao seu senso prático. Mas o homem é um ser versátil, e é possível que, à semelhança do jogador de xadrez, não ame senão a ação mesma e não o fim a atingir. E quem sabe? (não se pode garantir) é possível que o único fim para o qual tende a Humanidade não consista senão nesse esforço, nessa ação; ou por outra: a vida não teria fim exterior, o qual não pode evidentemente ser senão aquele "duas vezes dois quatro", isto é, uma fórmula. Ora, senhores, duas vezes dois quatro é um princípio de morte e não um princípio de vida. Em todo o caso, o homem sempre teve medo desse "duas vezes dois quatro" e eu também tenho.

É verdade que o homem não se ocupa senão da procura desses "duas vezes dois quatro"; atravessa oceanos, arrisca a vida em sua perseguição; mas quanto a encontrá-los, quanto a apanhá-los realmente — juro-vos que tem medo, pois ele se dá conta que, uma vez encontrados, nada mais tem a fazer. Depois de terminarem o trabalho e de terem recebido, os operários vão ao botiquim, para acabarem a noite na cadeia; têm então a sua conta ao menos por uma semana. Enquanto que o homem, que se tornará ele? Em todo o caso, observa-se constantemente nele certo constrangimento, sempre que atinge um fim. Tenta aproximar-se do fim, mas tão logo o atinge, não está mais satisfeito; e isto é verdadeiramente bem cômico. Em uma palavra: o homem é construído de uma maneira muito cômica, e tudo isto faz o efeito de um calemburgo. Mas seja como for, "duas vezes dois quatro" é uma coisa bem insu-

portável. "Duas vezes dois quatro", na minha opinião, respira impudência. "Duas vezes dois quatro", nos desfigura insolentemente. De mãos nos quadris, ele se nos atravessa no caminho e nos cospe na cara. Admito que "duas vezes dois quatro" seja uma coisa excelente, mas se é preciso louvar tudo, eu vos direi que "duas vezes dois cinco" é também às vezes uma coisinha muito encantadora.

E por que pois estais tão inabalavelmente, tão solenemente convictos de que só é necessário o normal, o positivo, o bem-estar, em uma palavra? A razão não se engana em seus juízos? É possível que o homem não ame senão o bem-estar. Não é possível que ele ame na mesma medida o sofrimento? Não é possível que o sofrimento lhe seja tão vantajoso quanto o bem-estar? O homem se põe por vezes a amar apaixonadamente o sofrimento; isso é um fato. Não há necessidade de consultar a esse propósito a História Universal. Indagai vós mesmos se unicamente sois homens, e se tendes vivido, por pouco que seja. Não que toca à minha opinião pessoal, dir-vos-ei que é mesmo inconveniente só amar o bem-estar. Está bem? Está mal? Isso eu não sei, mas às vezes é agradável quebrar alguma coisa. Não é precisamente o sofrimento que defendo aqui, ou o bem-estar: é meu capricho, e insisto para que ele me seja garantido, se for preciso. Nas comédias, por exemplo, não se admitem os sofrimentos, eu sei; tampouco podemos admiti-los num palácio de cristal: há dúvida, há negação no sofrimento, mas o que seria então de um palácio de cristal do qual se pudesse duvidar? Ora, estou certo de que o homem não renunciará jamais ao verdadeiro sofrimento, isto é, à destruição e ao caos.

O sofrimento! Mas é a causa única da consciência! Eu vos declarei, é verdade, no início, que a consciência, na minha opinião, é um dos maiores males do homem; mas sei que o homem a ama e não a trocará por nenhuma satisfação, seja qual for. A consciência, por exemplo, é infinitamente superior a "duas vezes dois quatro". Depois de "duas vezes dois", não resta evidentemente mais nada, não somente a fazer, mas mesmo a conhecer. A única coisa que nos resta, então, é tapar nossos cinco sentidos e mergulharmos na contemplação. Com a consciência chega-se, é verdade, a um resultado idêntico, isto é, à inação, mas poder-se-á, então, pelo menos dar-lhe uma chicotada, de vez em quando, o que vivifica um pouco o espírito, apesar de tudo. É muito reacionário, mas sempre vale mais do que nada.

X

Credes no palácio de cristal, indestrutível, para a eternidade, ao qual não se poderá mostrar a língua, nem mostrar os punhos às escondidas. Pois bem! eu, se desconfio do palácio de cristal, é talvez justamente porque é de cristal e indestrutível e porque não se poderá lhe mostrar a língua, mesmo às escondidas.

Vêde: se em lugar de um palácio de cristal eu só disponho de um galinheiro, quando chove, eu me insinuarei talvez no galinheiro, para fugir à chuva, mas ficando-lhe embora muito agradecido por ter me preservado, não tomarei meu galinheiro por um palácio. Rides, dizeis-me que em semelhante caso palácio e galinheiro se equivalen. Sim, responderei, se se vivesse apenas para não estar molhado.

Mas que fazer, se se me meteu na cabeça que não se vive somente para isso e que, se se vive, é num palácio que é preciso se instalar? Isto é minha vontade, isto é meu desejo. Vós não conseguireis me arrancar esta vontade, senão quando tiverdes modificado meus desejos. Pois bem! modificai-os, apresentai-me um outro fim, oferecei-me um outro ideal! Mas, enquanto espero, recuso-me a tomar um galinheiro por um palácio de cristal. É possível que o palácio de cristal não seja senão um mito, que as leis da natureza não o admitam e que eu o tenha inventado por tolice, impedido por certos hábitos irracionais da nossa geração. Mas que me importa que ele seja inadmissível! Que me importa, pois que ele existe nos meus desejos, ou, para dizer melhor, pois que existe tanto quanto existem meus desejos? Continuais a rir, que existe tanto quanto vos agrada! Aceitarei todas as zombarias, mas recusar-me-ei a me declarar satisfeito, quando ainda tenho fome; não me contentarei com um compromisso, com um zero se renovando indefinidamente, pela única razão de que está confortável me as leis da natureza e existe realmente. Não admitirei que o coramento dos meus desejos possa ser uma casa de tijolos, com alojamentos a preço módico, arrendados por mil anos e ostentando a tabuleta do dentista Wagenheim. Destruí meus desejos, derubai meu ideal, apresentai-me um fim melhor e eu vos seguirei. Dir-me-eis, talvez, que não vale a pena occupar-vos de mim; mas neste caso posso vos responder do mesmo modo. Nós discutimos seriamente, e se não vos dignardes me conceder vossa atenção, pois bem! não vou chorar por isso. Eu tenho meu subsolo.

XI

Mas, enquanto existo, enquanto desejo, que minhas mãos se quem se levo um tijolinho que seja a essa casa! Não me digais que eu mesmo renunciei cedo ao palácio de cristal, pelo único motivo de não lhe poder mostrar a língua. Se falei assim, não é que eu goste tanto de mostrar a língua. Acontece porém que, e é isto precisamente que me irrita, de todos os vossos edifícios não há um ao qual não se possa mostrar a língua. Ao contrário, eu faria cortar minha língua, por gratidão, se se arranjassem as coisas de tal maneira que eu não tivesse mais desejo de a mostrar. Que me importa que as coisas não possam se arranjar assim e que seja preciso contentarmo-nos com alojamentos a preços módicos! Por que tenho eu tais desejos? Não sou feito assim, senão para poder verificar que essa constituição não é senão uma brincadeira de mau gosto? É esse verdadeiramente o único fim? — Não o admito.

De resto, sabeis o que vou dizer-vos? estou persuadido de que nós outros, homens do subsolo, devemos ser mantidos na trela. O homem do subsolo é capaz de permanecer silencioso no seu subsolo durante quarenta anos; mas, se sai do seu buraco, ele de sabafa, e então fala, fala, fala...

O fim dos fins, senhores, é não fazer nada, absolutamente nada. A inércia contemplativa é preferível seja ao que for. Assim pois, viva o subsolo! Se bem que eu tenha dito antes que invejava o homem normal até a derradeira gota da minha bílis, quando o vejo tal qual é, renuncio ao ser normal (não cessando todavia de ter inveja dele). Não! não! apesar de tudo o subsolo vale mais. Lá ao menos se pode... Ah! eis que minto de novo! Minto, porque sei, tão claramente quanto duas vezes dois são quatro, que não é o subsolo que vale mais, mas algo muito diferente a que aspiro, mas que não posso descobrir. Para o diabo o subsolo!

Se eu pudesse crer ao menos numa só palavra do que escrevo aqui! Juro-vos, senhores, que não creio em uma só palavra, em uma única e miserável palavrinha! Ou melhor dizendo: creio, talvez, mas sinto no mesmo momento, suspeito, não sei por quê, que minto descaradamente.

— Mas, nesse caso, por que escreveu tudo isto? — perguntareis certamente.

Que teríeis dito se eu vos tivesse encerrado durante quarenta anos, sem fazer nada, e se, decorrido esse tempo, eu fosse visitar-vos no vosso subsolo para verificar no que vos tinheis tornado? Bem que eu gostaria de vos ver lá! Pode-se deixar durante quarenta anos um homem só e sem ocupação?

"Mas não é vergonhoso, não é humilhante!" — me direis talvez, meneando a cabeça, com desprezo. — "Você tem sede de vida, mas quer resolver as questões vitais por meio de mal-entendidos lógicos. E que obstinação! Que impudência com isso! Mas tem medo, apesar de tudo. Você diz inépcias, mas sente-se feliz com elas. Diz insolências, mas tem medo e se desculpa. Declara que não receia ninguém, mas busca as nossas boas graças. Você nos assegura que range os dentes, mas parece ao mesmo tempo, para nos fazer rir. Sabe que as suas sentenças não valem nada, mas parece muito satisfeito com a sua literatura. É possível que você tenha sofrido, mas não tem nenhum respeito pelo seu sofrimento. Há certa verdade em suas palavras, mas falta-lhes pudor. Sob a ação da vaidade mais mesquinha, você traz a sua verdade para a praça pública, expõe-na no mercado, para alvo de chacota. Você tem alguma coisa a dizer, mas o temor faz-lhe escamotear a última palavra, pois é insolente, mas não ousa. Gaba a sua consciência, mas não é capaz senão de hesitação, porque embora sua inteligência trabalhe, seu coração está emporcalhado pela libertinagem; ora, se o coração não é puro, a consciência não pode ser clara e evidente, nem completa. E como você é importuno, como é molesto! Que palhaçada, a sua! Mentira tudo isso! Mentira! Mentira!"

Todas estas palavras, fui eu quem mas disse, evidentemente. Elas também provêm do subsolo. Durante quarenta anos, prestei atenção por uma pequena fenda a esses discursos. Eu próprio os compus, pois não tinha outra coisa a fazer. Por isso foi-me fácil decorá-los e imprimi-los numa forma literária.

Mas, pudesstes cret, verdadeiramente, que eu ia imprimir tudo isto e vo-lo dar para ler? E eis ainda o que não compreendo: por que me dirijo a vós, chamando-vos de "senhores", como se fôsseis leitores meus? Não se publicam, não se dão a ler a ninguém as confidências que eu me preparo para fazer aqui. Eu, em todo o caso, não sou suficientemente forte para agir assim, e, de resto, não vejo a necessidade disso. Mas, véde, veio-me uma fantasia, e quero realizá-la custe o que custar. Eis do que se trata:

Entre as lembranças que cada um de nós possui, há algumas que não contamos senão aos nossos amigos. Há outras ainda que não confessamos nem mesmo aos nossos amigos, que não repetiremos senão a nós mesmos, e, aliás, sob o signo do segredo. Mas existem enfim coisas que o homem não consente nem em confessar a si mesmo. No curso de sua existência, todo homem honesto acumulou dessas lembranças suficientemente. Dizei mesmo que seu número é tanto mais importante, quanto o homem é mais honesto. Eu, em todo o caso, não faz muito tempo que me decidi a me lembrar de certas antigas aventuras minhas; até aqui, evitei-as, e não sem um tanto de inquietação. Ora, agora, quando as evoco e quero mesmo anotá-las, agora tenho a prova: é possível ser franco e sincero, ao menos cara a cara consigo mesmo, e poder-se-á dizer toda a verdade? Observarei a este propósito que Heine assegura que não podem existir autobiografias exatas, e que o homem mente sempre, quando fala de si mesmo. Rousseau, com seu ponto de vista, certamente nos enganou nas suas *Confissões* e mesmo deliberadamente, por vaidade. Estou certo de que Heine tem razão: compreendo muito bem que nos possamos sobrearregar de crimes abomináveis, apenas por vaidade, e compreendo também o que pode ser esse sentimento. Mas Heine tinha em vista as confissões públicas; ora, eu não escrevo senão para mim sozinho e declaro de uma vez por todas que, se pareço dirigir-me ao leitor, é simplesmente um processo de que me sirvo para maior facilidade. Não é senão uma forma, uma forma vazia; e quanto aos leitores, não os terei jamais. Já o declarei.

Não quero ser incomodado em nada na redação das minhas notas. Não observarei nenhuma ordem, nenhum sistema. Escreverei simplesmente o que me lembrar.

Mas vós poderíeis me pegar na palavra desde o começo e me perguntar: se é verdade que não pensa em seus leitores, por que então combina consigo mesmo — e no papel ainda! — que não observará nenhuma ordem, nenhum sistema, que registrará o que lhe passar pela cabeça, etc.? Por que se explica? Por que essas desculpas?

Pois bem! eis aí! é assim!

Há, de resto, aí, um caso psicológico interessante. É possível que eu seja muito simplesmente um covarde. Mas é possível também que imagine diante de mim um público, a fim de não perder o sentido das conveniências. É possível ter milhares desses motivos...

Mas há ainda outra coisa: por que, em suma, pus-me a escrever? Se não é para o público, não posso evocar minhas lembranças sem as lançar ao papel?

Com efeito, mas quando estiverem fixadas no papel, adquirirão um aspecto mais solene. Isto me constringerá, julgar-me-ei melhor e meu estilo ganhará. Demais, é possível que isto me traga certo consolo. Assim, hoje, estou particularmente oprimido por uma lembrança longínqua; surgiu em mim muito nitidamente há alguns dias, e, desde então, me persegue sem tréguas, como um desses motivos musicais que não pretendem vos largar. Ora, é preciso absolutamente que eu me desembarace dela. Tenho centenas de recordações desse gênero; mas uma delas às vezes desperta de súbito e me agarra pela garganta. Eu imagino, não sei mesmo por quê, que se a registrar, ficarei livre. Por que não tentaria?

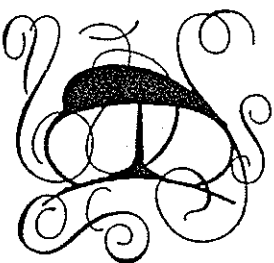
E depois, enfim, eu me aborreço e nunca faço nada. Escrever as lembranças é um trabalho. Diz-se que o trabalho torna o homem bom e honesto. E então uma oportunidade que se me oferece...

A PROPOSITO DA NEVE FUNDIDA

1.ª HISTÓRIA

Quando o ardor da minha palavra persuasiva do abismo obscuro do erro retirou tua alma, profundamente degradada, e quando, cheia de uma dor atroz, torcendo os braços, maldiscestes o vício, o vício que te havia fascinado, quando a tua consciência castigando, à existência passada renunciaste, e escondendo em tuas mãos teu rosto, de repente, cheia de horror e de vergonha, tu choraste...

NEKRÁSSOV



U não tinha mais que vinte e quatro anos nessa época. Minha vida era já então o que é hoje: sombria, desordenada e ferozmente solitária. Não tinha relações e evitava mesmo falar fosse com quem fosse, não pensando senão em me afundar na minha toca. Durante as horas de expediente, na chancelaria, tratava de não levantar os olhos para ninguém; mas notava, perfeitamente que meus colegas me consideravam como um original e mesmo — parecia-me adivinhá-lo também — olhavam-me com certa antipatia. Às vezes eu me perguntava: por que sou eu o único a imaginar ser olhado com repulsa? Um de nossos funcionários mostrava um rosto hediondo, todo picado das bexigas;